

**O TEXTO LITERÁRIO NAS OBRAS DIDÁTICAS
DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
– UM DESAFIO EM FRAGMENTOS**

Flávia Martins Malaquias (UEMS)

flavinha_malaquias@yahoo.com.br

Maria Socorro Barbosa (UEMS)

dhelp02@gmail.com

Valdinéia Marcondes Vieira (UEMS)

valdineia_vieira@hotmail.com

Daniel Abrão (UEMS)

danielabrao7@gmail.com

RESUMO

Há algumas décadas, tem se discutido sobre as práticas escolares da leitura do texto literário nas aulas de língua portuguesa. Mesmo havendo muitas discussões, estudos e propostas de atividades que envolvam o aluno com a literatura, a prática de leitura literária vem sendo relegada a um lugar secundário em detrimento do ensino da língua. A escola é o lugar de acesso ao conhecimento universal e sendo assim, é o lugar das reflexões sociais, políticas, filosóficas e literárias, de maneira que as aulas de língua portuguesa deveriam provocar o aluno e levá-lo a um diálogo com o texto, potencializando a leitura literária na formação das crianças e adolescentes. Será que por meio dos textos literários inseridos nos livros didáticos, o professor consegue alcançar êxito na formação de um aluno leitor que entende e extrapola o texto a ponto de perceber a intencionalidade textual? Que mudanças são necessárias nessa prática? A partir destas indagações este trabalho aborda o valor e a função do texto literário e o papel da escola no processo de formação do leitor. Considera o livro didático elemento material da cultura escolar, garantido às escolas públicas por meio de programas oficiais de governo e questiona a forma como o texto literário apresenta-se no livro didático. Para tanto, as abordagens aqui presentes serão centradas nos anos finais do ensino fundamental.

Palavras-chave: Texto literário. Livro didático. Formação de leitores.

1. Introdução

Este trabalho mostra que escola ainda prioriza a leitura como mera decodificação, pressupondo um leitor passivo, cuja participação volta-se para a superfície do texto, de modo que a leitura e a literatura sofrem um processo de escolarização, por meio de atividades, exercícios escolares isolados, sem que o aluno perceba a leitura como ação cultural historicamente constituída.

Neste texto, a literatura é tida como uma prática de letramento e

que de certa forma, o livro didático de língua portuguesa trata de fragmentá-la privando o aluno de uma ampla interpretação do texto exibido.

Além disso, o livro didático ao apresentar a compreensão textual com base em esquemas de interpretação preestabelecidos, restringe a interação do aluno-leitor, pois não lhe é dada a oportunidade de manifestar a sua leitura.

Portanto, ao mostrar que o letramento literário dos jovens adolescentes não acontece de forma totalizadora e articulada com a riqueza literária, este trabalho leva à reflexão do professor de língua portuguesa sobre o livro didático como único recurso no trabalho de leitura e interpretação de textos. Insiste que esse professor deve extrapolar o material didático em busca de sucesso na conquista de seus alunos leitores.

2. *Literatura como enfoque pedagógico no livro didático*

Literatura, na Grécia antiga, era o mesmo que poesia, criada para ser cantada ou recitada nos grupos sociais, servindo também como caráter educativo. No decorrer da história, no entanto, ela foi ganhando outras funções: ora foi utilizada para tratar de valores morais ora para divulgar ideais nacionalistas, como no período do Renascimento. Na escola moderna, a sua aprendizagem tornou-se obrigatória, primeiramente a literatura integrou-se ao currículo sendo base para o estudo de gramática.

Os historiadores da educação Ponce (1985) e Manacorda (1989) concordam, em suas obras, que não podemos ignorar sobre o manancial dos escritos narrativos da Grécia antiga. Nelas podemos compreender o homem, e nisto temos um enfoque pedagógico para tratar da condição humana numa literatura que ultrapassa o tempo. Claro que sendo literatura, temos de considerar que essas obras estão no campo do imaginário. Porém, na fantasia que emergem no pensamento, deparamos com a natureza dos homens em sua trajetória humana. Portanto, temos nessa literatura clássica a melhor fonte para oferecer aos alunos em leituras ricas nas aulas de língua portuguesa. Nisto podemos citar Ana Arguelho de Souza:

E que dizer da mitologia que perpassa as tragédias gregas de Sófocles, Ésquilo e Eurípedes, misturando o simbólico e o humano em uma tensão extremamente fecunda para a formação do homem desde a mais tenra infância? Isso parece distante da infância, a nós modernos, talvez por nossa falta de consciência de que as crianças desses povos viviam envoltas com essas entidades naturalmente, sorvendo delas os ensinamentos para a vida, apreendendo o mundo por meio delas. (SOUZA, 2010, p. 37)

No entanto, muitas transformações foram ocorrendo nas escolas, inclusive, nas escolas brasileiras e muito da literatura clássica foi sendo deixada de lado em detrimento de textos considerados mais simples, com linguagem mais acessível. O papel da literatura no ambiente da sala de aula foi se transformando, na pedagogia tecnicista e no âmbito da ensino profissionalizante, a literatura virou um produto de consumo, onde foram introduzidos os resumos de romances para o vestibular, as provas de múltipla escolha e o ensino de elementos de comunicação e bem como as antologias foram substituídas por textos ilustrados.

Houve também, segundo (LAJOLO, 2006, p. 70), uma espécie de simplificação de análise literária, onde se fazia um escrutínio estrutural do texto e questionários para identificação de personagens principais, tempo e espaço das narrativas, este modelo persiste até hoje, nas obras didáticas, com pequenas alterações. Para Souza (2010, p. 80), este modelo é um descompromisso da escola com a literatura, ela enfatiza:

Ou ainda, usar um texto literário para extrair questões interpretativas de pouca monta, que não vão além da superfície do texto, ou questões gramaticais, em vez de conduzir o aluno à compreensão dos elementos estéticos da obra e, por meio deles, ao entendimento dos homens e da sociedade. Essas questões esclarecem por que, na sociedade do descartável, qualquer texto serve ao manual.

Fica claro portanto, que na sociedade onde tudo é perece, questões de abordagem superficial do texto literário, comprovam que qualquer texto passou a servir ao livro didático. Isto de fato, empobrece a possibilidade de aprofundar a leitura e a interpretação do mundo em que vive o aluno.

Essa fragmentação tanto nos textos literários apresentados aos alunos, como na organização e articulação do livro didático, onde os capítulos são tratados de forma isolada e o texto literário apenas é apresentado como ilustração de um assunto de temática transversal mostra a ausência da totalidade, ou seja, a necessidade de aprender o real sobre a sociedade capitalista. Neste caso, como diz Gilberto Alves (2004), fica difícil superar a fragmentação do pensamento, se o trabalho é fragmentado.

Com a publicação dos PCN, as abordagens sobre o texto literário vem para ressaltar a importância que as aulas de literatura têm para a formação do aluno. Para os *Parâmetros*, a literatura não é simplesmente a escolha de uma prática utilitária de leitura ou que o texto literário sirva como pretexto para outras questões de ensino, que não a literatura como instituição autônoma.

Porém, não chegam a dedicar uma página completa sobre a especificidade do texto literário, também não apresentam ao professor nomes de obras com as quais ele possa desenvolver uma educação literária humana, de modo que os livros didáticos vão configurando o texto num processo de fragmentação o que priva o aluno do contato com a totalidade do texto, nem ao menos procuram apresentar as partes estruturais básicas do original. Conforme Chiappini (2002, p. 65), segundo pesquisa realizada no Brasil, a falta de motivação pela leitura pode estar relacionada com o processo de fragmentação que sofrem os textos no livro didático.

O que deve ficar latente na prática pedagógica literária é que não podemos abrir mão do vasto e riquíssimo manancial literário que herdamos dos escritores antigos e modernos, onde podemos beber na fonte os valores humanos, onde o homem imprime sua história e sua identidade. É a partir da literatura que podemos levar encantamento para a sala de aula e dar um colorido às aulas de leitura com propostas inovadoras que ultrapassem a barreira que o livro didático impõe.

3. *O livro didático de língua portuguesa*

O livro didático de modo geral tem sido o único recurso a ser utilizado pelos professores de todo o país, e não raro, é o único referencial de leitura em vários recantos das regiões brasileiras, como nos lembra Corrêa (2003, p. 53). Embora divulgue situações, vivências diversas, valores e gêneros textuais diversificados não atende a individualidade dos alunos nos aspectos regionais e no direito à cidadania.

Contudo, considerando a razão da vasta extensão do nosso território, o livro didático nas aulas de língua portuguesa, é um modo de garantir, minimamente, os conteúdos e as habilidades exigidas em cada série, pois funciona como um sistema de organização da aprendizagem do aluno.

Um entrave comum nas instituições escolares é que muitas vezes a escola não abre espaço para autonomia do professor que fica preso a referenciais didáticos da rede educacional da qual faz parte. Pelas relações estabelecidas entre a rede educacional, a direção escolar e os pais dos alunos; a coordenação pedagógica e o professor, este fica refém do livro didático com a obrigação de cumprir o conteúdo por inteiro.

Além disso, o livro didático como recurso obrigatório, impede que a inovação, a criatividade e a iniciativa por parte do professor, em buscar

uma nova abordagem dos textos e atividades propostas aos alunos, atendida, por exemplo, as necessidades específicas de conhecimento de cada grupo. É preciso que o professor pesquise possibilidades de projetos para implementar o regionalismo e as particularidades de linguagem daqueles indivíduos; apresente os textos literários daquela região, de modo que os alunos possam apreciar a literatura local como obra de arte também.

De acordo Costa Val (2008, p. 187), já estão acontecendo categorias reguladoras de ação docente que evidenciam alguns eixos de trabalho a partir do que se apresenta no livro didático. De modo que fica clara a necessidade de modificações nas propostas deste material, uma vez em que já existem professores com boas estratégias que faz com que o livro didático não mais seja utilizado na sua forma original.

Já vimos, logo acima, que no século XX, houve um aumento na demanda nas escolas públicas e pela sua característica de agregar muitas crianças e adolescentes, a escola passou a ser o único lugar onde os jovens poderiam ter acesso à leitura de obras literárias. De outro lado, os professores não estavam preparados para atender essa enorme demanda de estudantes e modificar sua prática. A partir daí, o trato do texto literário sofreu uma grande perda, dando lugar ao estudo da língua.

Quando falamos de literatura, temos de analisarmos em que medida a escola tem contribuído para a formação de um público leitor. É por isso, que Gilberto Alves insiste em dizer que tratemos da escola real, como ela é, com seus percalços e fragmentos. A escola dos dias atuais não é diferente daquela de Comenius, pedagogo do século XVII, que escreveu a *Didática Magna*. A diferença é que a escola atual expressa o fracasso do tempo presente, diz Gilberto Alves. E infelizmente, o maior indicador desse fracasso é o lugar que o livro didático ocupa no fazer diário do trabalho pedagógico, não oportunizando nenhum outro mecanismo de leitura.

É na escola real que são distribuídos pelo MEC os livros didáticos, produto de acordos entre o MEC e o mercado de livros para todos os níveis da educação básica, o que torna alvo da preocupação dos pesquisadores, pois este material concorre, em sala de aula, com as obras clássicas que os professores mais despreparados não conseguem sobrepujar a leitura literária em detrimento das atividades propostas pelo livro didático.

É urgente que a presença da literatura na escola se torne um instrumento importante, que contribua de forma eficaz na formação de uma consciência e na luta pela cidadania e sobretudo, fazer da escola um am-

biente desconectado dos condicionamentos sociais e materiais. Por isso, enfatizamos que enquanto o livro didático apenas instrumentaliza parcamente o aluno para um suposto mercado de trabalho, a leitura literária o leva à reflexão sobre a relação homem, trabalho e sociedade, por exemplo.

4. A importância do texto literário na formação do leitor

É muito importante falar do leitor, ao se falar de leitura literária. Temos de admitir nesta reflexão que há muitas formas de fazer com que o adolescente crie uma empatia do livro e se afaste decididamente da leitura. Muitas são as formas de afastá-lo, criando um muro – o nosso muro das nossas lamentações – intransponível de veras.

Podemos exemplificar este afastamento com os seguintes problemas: a falta de uma abordagem interessante do texto literário por parte do professor – que nem sempre é um leitor assíduo do texto literário e portanto, tem dificuldade em lidar com textos de valor estético; a falta de um acervo diversificado de obras literárias nas bibliotecas das escolas – geralmente essas obras ficam num canto escuro e empoeirado; além de tudo isto, podemos dizer que a própria leitura representa uma dificuldade para os jovens leitores e toda tentativa do professor em criar uma leitura mais humana que comunique valores sociais do homem no mundo sucumbe no cotidiano da sala de aula, que é pautado por cumprimento de sequências didáticas e planejamento que devem ser seguidos à risca pelo docente.

Para Alberto Manguel, autor de *Uma História da Leitura*, essas barreiras constituem uma maneira para controlar os leitores numa sociedade alienada e condicionada, ficando em evidência o interesse dos mais fortes. O autor esclarece:

Os métodos pelos quais aprendemos a ler não só encarnam as convenções de nossa sociedade em relação à alfabetização – a canalização de informações, as hierarquias de conhecimento e poder –, como também determinam e limitam as formas pelas quais nossa capacidade de ler é posta em uso. (MANGUEL, 1997, p. 85).

Exatamente os métodos nos fazem refletir como a leitura é apresentada em sala de aula. A escola não é tão livre como a sociedade, pois a escola lida com objetivos e conteúdos inseridos num referencial didático de uma determinada rede educacional. Logo, a leitura na escola é praticada conforme as necessidades escolares. Porém precisamos ressaltar que teorias e práticas podem sofrer mudanças. Oxalá que venham! A escola é um ambiente cultural e histórico, portanto é preciso mudar.

Mas ainda percebemos uma mecanização no letramento literário. Os textos são apresentados aos alunos, no livro didático, em desarticulação com o mundo da vida, com a história e o contexto social-econômico-cultural, o que chamamos de literatura degradada, pois não proporcionam nenhuma reflexão ampla sobre as ações do homem na sociedade atual. Para Coelho (1987, p. 27) os livros de conteúdo degradado são tolos, fragmentados e sem sentido, além de não trazerem no seu bojo a fantasia e a imaginação capaz de atraírem o leitor jovem ou adulto.

Partimos do princípio de que a literatura da maneira como a pensamos: próxima, real, lida e discutida, ampla, sujeita à crítica, ao diálogo – inserida no mundo da vida, na verdade, nunca esteve no centro da educação escolar. Essa negligência gera consequências graves na formação de possíveis leitores. Para Souza (2010, p. 89) “é sempre bom lembrar que nada substitui a literatura na formação do homem, no sentido de que, por meio de seus simbolismos, a vida foi e tem sido ressignificada ao longo da história.” É por isso que afirmamos que o texto literário não pode ser mera ferramenta no livro didático; o texto literário deve ser um grande centro de força na formação de leitores críticos, favorecendo a descoberta de sentidos, prazer e conhecimento.

5. Sala de aula: ambiente promissor de leitura

Ao apontarmos alguns problemas que afastam o aluno da leitura do texto literário em sala de aula, enfatizaremos agora a importância de se estabelecer uma relação entre os alunos – desde as séries iniciais – com textos que nas limitações escolarizadas de leitura. Precisamos recuperar aquela configuração que foi perdida ao longo dos séculos e retomar a leitura frutiva, por prazer estético. Esse resgate também significa responsabilidade e consciência de que leitura também demanda esforço e objetivos. Nesse sentido, podemos citar Azevedo (2004, p. 39):

É importante deixar claro: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço, e este se justifica e se legitima justamente através dessa comunhão estabelecida.

Temos de evidenciar o papel do professor como o grande responsável para mediar essa relação entre o leitor e a obra literária no ambiente escolar. Silva (1991, p. 48), insiste em dizer que para esta relação acontecer de forma crítica e criativa é necessária uma mudança na mentalidade

dos docentes transformada em ações para as práticas de leitura na escola, objetivando em “ler para compreender os textos, participando criticamente do mundo da escrita e posicionando-se frente à realidade.”

Por isso, cabe ao professor apresentar as obras literárias aos alunos, selecionando algumas a serem lidas e escolher o melhor caminho a ser percorrido, na prática da leitura em sala de aula. Para isto, é necessário que o professor saiba quem são seus alunos e o que estão lendo, ou seja, conhecer suas preferências e seus interesses, para estabelecer um diálogo com eles. Assim, o professor conseguirá aprimorar a leitura do mundo e da palavra que os alunos trazem em sua bagagem, ocupando o fundamental papel de mediador na formação de leitores na sua sala de aula.

Ser um bom mediador na prática de leitura dos alunos, requer que o professor também seja um bom leitor de textos literários. Além de conhecedor do acervo na biblioteca de sua escola. Isto favorecerá um imediato contato dos alunos com as obras sugeridas pelo professor, que deve ser um profissional com competência leitora e apaixonado pelos livros, como diz Lajolo (2002, p. 108):

A discussão sobre leitura, principalmente sobre a leitura, numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê.

Logo, o sucesso na formação de leitores exige um vasto repertório por parte do mediador, implica conhecimento com diversidade textual, pois a aprendizagem só acontecerá quando houver interação da criança ou do adolescente com um leitor experiente. Este é um requisito fundamental – um professor com competência leitora – para que o letramento literário aconteça na escola e a literatura cumpra as suas funções na vida dos alunos, a leitura deve ser o centro do projeto pedagógico da escola. Todos os outros professores devem ter a prática da leitura em suas aulas e não apenas o professor de língua portuguesa caminhar solitário nessa seara. Todos unidos na transmissão de cultura e de valores.

Nas aulas de língua portuguesa, o universo de leitura é muito maior que em outras áreas do conhecimento. A leitura dos clássicos da literatura é um patrimônio que nunca deve ser deixado de lado. As obras clássicas são aquelas que deixam marcas profundas na memória e na lembrança emotiva dos jovens leitores, pois tratam de experiências humanas de forma ampla como as buscas, os anseios, as sensações e as an-

gústias.

Ao ler as obras clássicas para os adolescentes, o professor deve ter o cuidado de estabelecer com a classe uma conversa inicial, procurando fazer uma atualização dos temas a serem tratados na obra para contextualizar a obra com o mundo contemporâneo do aluno. Não podemos esquecer que o acesso ao mundo maravilhoso da leitura é recente na história. Logo não podemos naufragar o navio que leva o aluno à fantasia e a mares “nunca dantes navegados”, o que nos faz ser minuciosos ao apresentar uma obra literária e iniciar sua leitura para a classe. Para Machado (2002, p. 21),

Essa atividade é feita da busca de um prazer sempre crescente, num patamar cada vez mais alto, lentamente construído com delicadeza, sensibilidade e empenho. Instala-se entre leitor e texto, uma troca interativa, num jogo sedutor. Freud demonstrou como a curiosidade e a vontade de saber são vizinhas do instinto sexual – daí sua capacidade tentadora, sua força irresistível.

É por isso que quanto mais claro ficar para o adolescente a importância da leitura literária como uma grande força de formação de sensibilidade e de ampliação da sua visão de mundo, – embora pouco ofertado socialmente, mais significativas e valorosas se tornarão as práticas de letramento literário propostas pelos professores aos seus alunos.

6. A fragmentação literária no livro didático

Já mencionamos acima que muitos estudantes brasileiros tem acesso ao texto literário apenas no livro didático, sendo este o único recurso disponível nas aulas de língua portuguesa. O que de fato é lamentável, pois a escola deveria ser a principal fonte de divulgação da literatura sob suas várias formas. A literatura sendo um dos gêneros mais antigos do ocidente, como esclarece Zilberman (2003, p. 245), deveria fazer parte do letramento literário durante as aulas, pois a escola deve ser o lugar da reflexão, do pensamento ampliado sobre o mundo e lugar da fruição estética.

Porém, como conseguir que o letramento literário esteja presente nas aulas de língua portuguesa, se o livro didático apresenta muitas obras fragmentadas não abrindo espaço para a discussão e nem para o conhecimento da própria obra?

Neste trabalho, vamos apresentar dois exemplos de atividades com textos literários fragmentados e utilizados apenas para o estudo da

gramática, sem uma abordagem para a beleza estética dos textos. Utilizaremos como exemplo, as atividades presentes no livro didático do PNLD\2012: *Vontade de Saber* – 9º ano – FTD – 2012:

EXEMPLO 01:

- ▶ Gênero Literário: Poesia
- ▶ “Luiz Vaz de Camões”
- ▶ Autor: Carlos Nejar
- ▶ Página: 108

Não sou um tempo
Ou uma cidade extinta.
Civilizei a língua
E foi resposta em cada verso.
E à fome, condenaram-me
Os perversos e alguns
Dos poderosos. Amei
A pátria injustamente
Cega, como eu, num
Dos olhos. E não pôde
E ver-me enquanto vivo.

Regressarei a ela
Com os ossos de meu sonho
Precavido? E o idioma
Não passa de um poema salvo da espuma
E igual a mim, bebido
Pelo sol de um país
Que me desterra (...)

- a) Qual é o tema central desse poema?
- b) Transcreva as conjunções encontradas nesse poema.
- c) Que função elas exercem no poema?

Vimos no exemplo acima, que não há diferença no trato do gênero literário e o gênero utilitário. Não foi feita nenhuma abordagem sobre a beleza estética do poema que ficou relegado apenas ao estudo da gramática. As três questões são consideradas objetivas, conforme a tipologia apresentada por Marcuschi (2001, p. 52), pois as respostas são encontradas exclusivamente no texto. Não requerem do aluno um desenvolvimento na habilidade crítica para dar as respostas.

Como o poema foi apresentado de forma fragmentada, não permitiu ao aluno conhecer o contexto todo do texto. Neste caso, o professor terá que buscar meios de ampliar a possibilidade do seu aluno conhecer o

texto por inteiro. O aluno dependerá de um professor leitor, preocupado em buscar inovações e propostas que extrapolem o livro didático.

EXEMPLO 02

- ▶ Gênero Literário: Poesia
- ▶ “O corpo dança”
- ▶ Autor: Marina Colasanti
- ▶ Página: 236

Um homem de malha amarela
Não é um homem
É uma estátua de homem
É uma gema de homem
É um girahomem.
(...)

- 1 – Observe os três últimos versos. O que há em comum entre eles?
- 2 – Com que intenção essa expressão foi empregada?

Este poema foi apresentado com a intenção de se estudar a figura de linguagem anáfora. São perguntas objetivas como no exemplo 02, analisado acima. O aluno conseguirá responder buscando pelo texto, porém as respostas seriam muito melhores e mais contundentes se o texto não fosse fragmentado. A descrição do personagem fica perdida nas indagações do aluno sobre “esse homem de malha amarela”, pois a descrição fica estanque, não prossegue. Essa fragmentação abrupta poda o aluno, que fica mecanizado pelas perguntas que o levam a uma só resposta.

O que podemos concluir sobre as duas atividades acima, propostas no livro didático de língua portuguesa *Vontade de Saber* é que um trabalho assim, desconsidera a riqueza de imagens construídas pelo autor e não permite ao aluno desenvolver habilidades que desencadeiem diferentes sentidos para o poema. São questões metalinguísticas, pois abordam questões gramaticais, que não livram as aulas da mesmice da rotina escolar, de modo que o encantamento literário não é aproveitado.

7. *Considerações finais*

Vimos que a escola atual se preocupa tanto em transmitir conhecimento para o aluno que a demanda de conteúdo leva a escola, especialmente as aulas de língua portuguesa, a um trabalho fragmentado não

desenvolvendo a competência leitora e muito menos a fruição estética.

O livro didático de língua portuguesa abarca a maioria dos textos utilitários e o estudo da norma gramatical é o centro maior no ensino; de modo que o texto literário é relegado a um pequeno espaço comprometendo todo o processo rico de leitura que poderia despertar a imaginação, a criatividade e o pensamento crítico do aluno.

Foi mencionado neste texto, que a literatura permite um conhecimento totalizador e interpretativo da realidade do homem, em contraste com o pensamento fragmentado e alienado que o livro didático acaba criando no aluno. Por isso, foi enfatizado que o professor deve extrapolar esse recurso e não usá-lo como muleta e tábua de salvação.

Portanto, cabe ao professor saber construir interpretações de textos literários em cooperação com seu aluno em busca da valorização do prazer da leitura, do riso, do choro, do sonho e da emoção que ela pode provocar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Gilberto Luiz. *A produção da escola pública contemporânea*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2004.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata J. (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.

CHIAPPINI, Lígia. *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. São Paulo: Cortez, 2002, vol. II.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil*. 4. ed. rev. São Paulo, Quíron, 1987.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo. Ática, 2002.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad.: Pedro Maia Soares. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, Associação de Leitura do

Brasil. 1997.

MARCUSCHI, L. A. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DI-ONÍSIO, Angela; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

SOUZA, Ana A. Arguelho de. *Formação de professores*. Campinas: Autores Associados, 2010.

ZILBERMAN, R. Letramento literário; não ao texto, sim ao livro. In: PAIVA, Aparecida et. al. (Orgs.). *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.